

Cultura, Civilização e Conflito

Maria Fernanda Lombardi Fernandes¹

Resumo: Os ataques de 11 de setembro de 2001 popularizaram a tese do “choque das civilizações”, elaborada inicialmente por Bernard Lewis e desenvolvida por Samuel Huntington. Meu objetivo, neste texto, é analisar os argumentos de Huntington acerca do chamado “choque de civilizações” à luz do conceito de Orientalismo elaborado por Edward Said, buscando explicitar os elementos da construção do Oriente elaborada pelo primeiro e, ao mesmo tempo, apontar para as implicações políticas dessa análise.

Palavras-chave: civilização; cultura; Oriente e Ocidente; Huntington; Said

Culture, Civilization, and Conflict

Abstract: *The attacks of September 11, 2001 popularized the thesis of the “clash of civilizations”, drawn up initially by Bernard Lewis and developed by Samuel Huntington. My goal in this text is to analyze the arguments of Huntington about the “clash” using Said’s concept of Orientalism, trying to clarify the elements of the construction of the East drawn up by Huntington and, at the same time, show the political implications of this analysis.*

Keywords: *civilizations; culture; East and West; Huntington; Said*

“Hoje em dia, ninguém é uma coisa só”

Edward Said, *Cultura e imperialismo*

1 Departamento de Ciências Sociais – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – São Paulo – Brasil – felombardi@uol.com.br

Civilização e Cultura

Os ataques de 11 de setembro de 2001 catapultaram – na imprensa, no “senso comum”, bem como na política externa norte-americana – a tese do “choque de civilizações”, popularizada por Samuel Huntington². Aparentemente, os ataques da *Al Qaeda* corroboravam a ideia da oposição irreduzível entre dois mundos e, mais ainda, trouxeram o conflito para o coração do mundo ocidental. Frente ao ataque, e não mais apenas ameaça, o mundo ocidental precisaria se reorientar para empreender a defesa de seus valores e de sua própria civilização.

Passados já dez anos da destruição do World Trade Center, a tese do “choque” ganhou adversários de peso no campo acadêmico, sendo contestada devido à sua fragilidade argumentativa. No entanto, a tese continuou a ser ventilada por veículos de imprensa do mundo ocidental e passou a pautar não só a política externa norte-americana da era Bush, mas também as ações de países ocidentais como o Reino Unido e a França. No Reino Unido, a política externa do premiê trabalhista Tony Blair, por exemplo, corroborou as atitudes tomadas pelos Estados Unidos, principalmente em relação à Guerra do Iraque. A França, por sua vez, recrudescer no trato com os imigrantes – notadamente oriundos do mundo árabe e muçulmano – bastando para isso a lembrança das polêmicas em torno da “lei do véu”. Quanto aos Estados Unidos, mesmo a troca de comando por Obama não parece ter mudado de maneira radical as diretrizes da política externa, já que muitas ações daquele parecem não se afastar do paradigma de Huntington.

Para entender o “choque”, é necessário compreender em primeiro lugar, o próprio conceito de civilização. Quando Huntington expõe a tese, afirma que o novo paradigma proposto parte da ideia de culturas irreconciliáveis e irreduzíveis, associando civilização à cultura. Sendo assim, seria interessante investigar minimamente como esses conceitos – cultura e civilização – se articulam. Seguindo a discussão de Terry Eagleton (2005), percebe-se que, no século XIX, os termos “cultura” e “civilização” se opõem, o primeiro traduzindo uma visão germânica e o segundo uma visão francesa. Segundo Eagleton, “enquanto ‘civilização’ é um termo de caráter sociável, uma questão de espírito cordial e maneiras agradáveis, cultura é algo inteiramente mais solene, espiritual, crítico e de altos

2 Samuel Huntington, falecido em 2008, foi um cientista político com bastante influência nos círculos conservadores dos Estados Unidos, tendo participado de governos republicanos e elaborado políticas voltadas às relações internacionais. Ao longo do texto, outras informações sobre o autor – bem como o contexto de formulação do paradigma, serão melhor explorados.

princípios, em vez do estar alegremente à vontade com o mundo” (Eagleton, 2005: 22). Numa acepção romântica ressalta-se a negatividade do conceito de civilização, que é lida como artificial, decadente, individualista e imperialista³. Nessa chave de leitura, a cultura, por outro lado, enfatiza a ideia de exotismo, autenticidade e singularidade. Ao longo do século XX, a cultura foi sendo contraposta à civilização, ao ponto de ocorrer uma inversão: “cultura é agora também quase o oposto de civilidade. Ela é mais tribal que cosmopolita. (...) os selvagens agora são cultos, mas os civilizados não.” (Eagleton, 2005: 25).

Samuel Huntington fala de confronto entre civilizações, não entre culturas e usa o termo no plural, não no singular. Há uma justificativa para isso: Huntington não ignora as origens diferentes dos termos “cultura” e “civilização” (na verdade, como Eagleton, aponta inclusive as origens germânica e francesa dos termos), mas toma o termo civilização como intercambiável com cultura – coisa que Eagleton também afirma ocorrer no presente. Apoiando-se em Braudel – que aponta a artificialidade na oposição entre cultura e civilização –, Huntington afirma que “civilização e cultura se referem, ambas, ao estilo de vida em geral de um povo, e uma civilização é uma cultura em escrita maior” (Huntington, 1997: 46). Referindo-se a uma série de autores que, ao falar de civilização, falam de cultura, Huntington procura construir as bases de sua argumentação na possibilidade de se entender os termos como complementares e a cultura como definidora maior de uma civilização⁴. Na sua caracterização, chama atenção para o aspecto de totalidade da civilização e da não intercambialidade entre as civilizações. A citação é longa, mas vale pelo esclarecimento do conceito:

Uma civilização é a entidade cultural mais ampla. As aldeias, as regiões, os grupos étnicos, as nacionalidades, os grupos religiosos, todos têm culturas distintas em diferentes níveis de heterogeneidade cultural. A cultura de um vilarejo no sul da Itália pode ser diferente da de um vilarejo no norte da Itália, mas ambos compartilharão uma cultura italiana comum, que os distingue de vilarejos alemães. As comunidades europeias, por sua vez, compartilharão aspectos culturais que as distinguem de comunidades chinesas ou hindus. Os chineses, os hindus e os ocidentais, entretanto, não são parte

3 Não que esta concepção diferente não o seja, já que contribuiu para legitimar a ação imperialista alemã, no caso.

4 Braudel, Wallerstein, Dawson, Mauss, Durkheim e Spengler são alguns dos autores visitados pelo autor na busca da fundamentação do uso do conceito de civilização tal como ele se apresenta na obra. Emblematicamente, Freud e sua obra *O mal-estar da civilização* não mereceram referência do autor. É importante lembrar que Freud, diferentemente dos alemães, não separa civilização de cultura.

de nenhuma entidade cultural mais ampla. Eles constituem civilizações. Uma civilização é assim o mais alto agrupamento cultural de pessoas e o mais amplo nível de identidade cultural que as pessoas têm aquém daquilo que distingue os seres humanos das outras espécies.(...) As civilizações são o maior ‘nós’ dentro do qual nos sentimos culturalmente à vontade, em contraste com todos os outros ‘eles’ por aí fora. (Huntington, 1997: 47-48)

O uso do plural também deve ser considerado: ao elencar “civilizações”, a ênfase de Huntington recai sobre o caráter de especificidade, não de universalidade do conceito. As civilizações, tomadas quase que como sinônimos de culturas, é que se chocam no mundo atual, segundo ele. As civilizações (assim como a cultura) se tornam organismos fechados, autorreferenciados e que, como placas tectônicas, se tocam nas bordas, zonas de instabilidade. Mais ainda, parecem, em alguns momentos, serem absolutamente irredutíveis. Os caminhos trilhados pela humanidade desembocaram, necessariamente, em presentes diversos que não podem ser compartilhados, na leitura de Huntington.

A tese do choque alçou um grande sucesso político, digamos assim, não só entre as hostes mais conservadoras, a ponto de tornar-se uma ideia bastante difundida no “senso comum”, rendendo manchetes de diários e revistas de divulgação⁵. Esse “sucesso” foi ainda maior após o 11 de setembro, mas já no momento de sua divulgação alcançou grande acolhida. No entanto, a despeito dessa “popularidade”, houve contestação imediata, não só dentro do campo conservador/liberal (Fukuyama, por exemplo, insistindo na vitória do campo liberal e no “fim da história”), mas principalmente fora dele. Dentre os críticos de Huntington (bem como de Bernard Lewis), pode-se destacar Edward Said.

Edward Said, de origem palestina, mas cidadão americano, falecido em 2003, ficou conhecido por seus estudos de literatura comparada e pelos estudos pós-coloniais, dentre os quais destaca-se *Orientalismo*, obra que pode ser considerada um marco fundador dos chamados “estudos pós-coloniais”. O livro, lançado em 1978, busca mostrar de que maneira a dominação e o discurso do Ocidente sobre o Oriente acabou por inventar o próprio Ocidente, bem como a visão deste como superior culturalmente. Em 1993, Said publica *Cultura e imperialismo*, continuando a discussão já presente em *Orientalismo*, mas avançando na análise das reações ao imperialismo. As teses defendidas continuam sendo

5 O termo “choque de civilizações” foi usado – e ousou acrescentar que continua sendo – de maneira bastante ampla e “rasa” nos debates políticos, por exemplo. No caso da imprensa, pode-se, numa consulta rápida à internet, verificar o volume de artigos e reportagens sobre o tema nos periódicos de maior circulação nacional, isso falando apenas de Brasil.

as mesmas, onde atenta para a impossibilidade de se tratar a “cultura”, em suas múltiplas acepções, como algo monolítico⁶.

Com percepções bastante diferenciadas acerca das relações entre o Ocidente e o Oriente, Said e Huntington serão, a partir daqui, confrontados como autores-atores fundamentais na explicação do mundo que emerge no início do século XXI. Meu objetivo, doravante, será expor e analisar os principais argumentos de Huntington acerca do chamado “choque de civilizações”, tendo por perspectiva a crítica de Said.

Civilização, choques e intercâmbios

Em 1990, Bernard Lewis afirmou que o mundo entrava em novo período, de contraposição de culturas e povos, a que ele denominou “o choque das civilizações”. Professor emérito de Princeton, o britânico Lewis publicou, em 1990, um artigo denominado “*The roots of the muslim rage*”, na *The Atlantic Magazine*, uma revista de divulgação, com viés conservador, que apresenta vários artigos de análise de conjuntura, o que foi originalmente o artigo de Lewis. O termo “choque de civilizações” aparece como subtítulo no artigo que analisa, como o título aponta, “as raízes da raiva muçulmana”. Depois de uma longa análise em que Lewis refuta os argumentos que apontam para o imperialismo⁷ como o responsável pelas reações violentas no mundo muçulmano, o autor conclui que o momento histórico em que se vivia seria “não menos que um ‘choque de civilizações’ – a reação talvez irracional, mas certamente histórica, de um antigo rival contra a nossa herança judaico-cristã, nosso presente secular e a expansão mundial de ambos” (Lewis, 1990: 6)⁸.

O artigo de Bernard Lewis, assim como os posteriores trabalhos de Huntington podem ser entendidos dentro do contexto do fim da Guerra Fria e da perspectiva apontada por Francis Fukuyama acerca do “fim da história”. A queda do Muro de Berlim, o fim da União Soviética e todas as transformações

6 O livro de Said reúne reflexões feitas a partir de palestras e conferências realizadas no final da década de 1980. Foi lançado no mesmo ano do artigo de Huntington e três anos depois do de Bernard Lewis, autor com quem dialoga, já que Lewis é um dos “orientalistas” que é alvo da crítica de Said.

7 A argumentação de Lewis é centrada principalmente no fato do Ocidente ter produzido uma separação entre Estado e Religião que o mundo muçulmano não foi capaz de fazer. Isso se deveria, fundamentalmente, às guerras de religião no Ocidente, que levaram à necessidade da separação. Nenhum cisma dessa magnitude pode ser encontrado no mundo muçulmano, daí a não separação das esferas e a emergência do fundamentalismo nessas regiões.

8 No original, “this is no less than a clash of civilizations—the perhaps irrational but surely historic reaction of an ancient rival against our Judeo-Christian heritage, our secular present, and the worldwide expansion of both.” (tradução minha).

do período poderiam apontar para uma vitória incontornável do modelo liberal – que tinha os Estados Unidos como o maior protagonista e única superpotência mundial.

Ao longo da década, Samuel Huntington popularizou a tese, lançando primeiro um artigo e depois um livro, *The clash of civilization*, em 1996. Muitos intelectuais se levantaram contra a tese de que vivíamos um novo período, pós-Guerra Fria, que seria marcado pelo antagonismo inconciliável entre civilizações distintas. Dentre as várias civilizações em que o mundo se veria dividido, segundo Huntington, destaca-se o Ocidente. As demais se agrupam no que ele define como “o resto”⁹.

Segundo Huntington, a clivagem do mundo pós-Guerra Fria se daria não mais em termos ideológicos, mas em termos culturais: é a cultura agora o determinante da separação. Como o autor afirma, logo no início de seu livro, “... a cultura e as identidades culturais – que, em nível mais amplo, são as identidades das civilizações – estão moldando os padrões de coesão, desintegração e conflito no mundo pós-Guerra Fria” (1997: 18-19). Com esta constatação, Huntington busca construir um novo paradigma para compreender as relações internacionais, baseado no que chamou de “choque das civilizações”. Mais uma vez pode-se recorrer ao próprio autor para esclarecer o conceito:

o mundo pós-Guerra Fria é um mundo de sete ou oito civilizações principais. Os aspectos comuns e as diferenças moldam os interesses, os antagonismos e as associações de Estados. Os países mais importantes do mundo provêm, em sua maioria, de civilizações diferentes. Os conflitos locais que têm maior probabilidade de se transformarem em guerras mais amplas são os que existem entre grupos e Estados de civilizações diferentes. Os padrões predominantes de desenvolvimento político e econômico diferem de uma civilização para outra. As questões-chave do cenário internacional envolvem diferenças entre civilizações. O poder está se deslocando da civilização ocidental para civilizações não ocidentais (Huntington, 1997: 29).

Ao invés de se pensar numa nova ordem mundial baseada no “fim da história” (Fukuyama), ou na contraposição bipolar (como na Guerra Fria)¹⁰, ou ainda na existência de uma nova ordem centrada nos Estados nacionais ou, finalmente,

9 Não é possível não atentar para a carga semântica negativa dessa definição. A tradução em português manteve a ideia do original inglês, “the rest”.

10 É curioso como o autor busca se diferenciar da leitura bipolar do mundo, recorrendo, inclusive, a Edward Said: “a unidade do não Ocidente e a dicotomia Leste-Oeste são mitos criados pelo Ocidente. Esses mitos sofrem os defeitos do orientalismo, acertadamente criticado por Edward Said” (Huntington, 1997: 34).

na ausência de ordem (o que ele denomina de “puro caos”), Huntington propõe uma interpretação da nova ordem internacional como “multipolar e multicivilizacional”. Esta nova leitura do mundo seria salutar, inclusive como subsídio para se intervir em conflitos potencialmente mais perigosos – intercivilizacionais – e evitar danos maiores. Com o fim da Guerra Fria, a nova perspectiva adotada por alguns intelectuais conservadores influentes no Departamento de Estado norte-americano, dentre os quais Huntington, corroboram para justificar a política externa do país¹¹.

Neste novo mundo, as civilizações arroladas por Huntington seriam: a ocidental, a latino-americana, a japonesa, a hindu, a africana, a islâmica, a sínica, a ortodoxa e a budista. Este seria o novo mundo, a nova clivagem multipolar. No entanto, por trás da pretensa multipolaridade esconde-se (talvez nem mesmo se esconda, de fato) um antagonismo dual: o Ocidente e “o resto”. Praticamente volta-se a meados do século XX na construção de um mapa mundial que reforça as fronteiras rígidas, mas agora com “viés cultural”, não necessariamente “nacional”. Ao longo da argumentação, o antagonismo se coloca de maneira cada vez mais clara. Como bem notou Said, Huntington não escapa da dicotomia da Guerra Fria, apenas desloca o foco do “ideológico” para o cultural. Mais ainda, faz parte de uma longa tradição que remonta ao período de disputa colonial entre as potências europeias no XIX: a guerra do “nós contra os outros” tem uma longa história, mas especificamente a partir do imperialismo ganha magnitude e consolida-se a ideia de uma irredutibilidade cultural e de uma necessária contraposição entre povos de tradições diferentes¹². Essa concepção estaria no cerne do argumento de Huntington, que demonstra uma recusa a enxergar a dinâmica histórica das culturas e a necessária interrelação entre elas. Como aponta Said, “um dos grandes progressos na moderna teoria cultural é a percepção, quase universalmente reconhecida, de que as culturas são híbridas e heterogêneas (...) as culturas e as civilizações são tão inter-relacionadas e interdependentes a ponto de irem além de qualquer descrição unitária ou simplesmente delineada de sua individualidade” (2007: 460).

11 Said chama a atenção para essa ligação umbilical entre intelectuais e Estado norte-americano, ainda durante a Guerra Fria: “as figuras acadêmicas de proa [...] determinavam a programação intelectual e as perspectivas de setores influentes do governo e da academia. Subversão, nacionalismo radical, reivindicação nativa de independência: todos esses fenômenos de descolonização e do contexto do pós-imperialismo clássico eram encarados segundo as linhas mestras definidas pela Guerra Fria” (Said, 2011: 444).

12 Em artigo intitulado “The clash of definitions”, Said mostra como a tese do choque de culturas, da “guerra no mundo”, encontra sua aplicação futurista na “Guerra dos Mundos”, de H G. Wells, expandindo o conceito do choque para outros mundos extraplanetários (2003c: 332).

Huntington chega a citar Said em seu livro para chamar a atenção aos “defeitos do orientalismo”. No entanto, não escapa desses mesmos defeitos. Mais ainda, por meio de uma análise de cunho cultural, civilizacional, acaba reproduzindo a dicotomia “Ocidente *versus* não Ocidente”, mas fragmentando o não Ocidente em múltiplas civilizações. No entanto, a unidade básica entre todas elas – que aparentemente não têm unidade – é a contraposição ao Ocidente. O curioso é que tanto o Ocidente, quanto o resto, é tomado como um dado de realidade, não uma construção histórica em mudança¹³. O Ocidente não é visto como uma invenção humana, como uma construção histórico-geográfica. As linhas divisórias são claras e não há interpenetração entre as diversas civilizações, mas estranhamento e, conseqüentemente, choque. A outra premissa que se encontra na argumentação de Huntington é a da homogeneidade interna das civilizações: não há conflito ou alternativa dentro de cada bloco¹⁴.

Encontramos uma realidade monolítica que permite a classificação de povos e culturas de maneira engessada. Tomando por base os elementos etnia/religião como os mais relevantes¹⁵, as civilizações são definidas com base nesses elementos. Em algumas denominações predomina a questão da etnia (e da geografia) – latino-americana, japonesa, africana, sínica, hindu –, em outras, a religião – islâmica, ortodoxa, budista – e, finalmente, uma dentre as civilizações recebe uma denominação que escapa a qualquer categoria cultural: a Ocidental. O lugar do Ocidente não é problematizado. A civilização ocidental, diferente das outras, não traz na sua denominação categorias étnicas ou religiosas. Não que não tenha: o Ocidente é branco, judaico-cristão e, preferencialmente, anglo-saxão (mas cabem também os latinos europeus não americanos). No entanto, ao não imputar essas categorias ao nome, Huntington opera uma identificação entre a geografia e a história sem atentar para a historicidade dessa construção.

13 A despeito de uma longa argumentação em contrário que se encontra nas páginas 46 a 50 de seu livro. Ao definir civilização como “o maior ‘nós’ dentro do qual nos sentimos culturalmente à vontade, em contraste com todos os outros ‘eles’ por aí afora” (1997: 48), Huntington afirma que as civilizações não têm linhas de fronteira clara, evoluem, mudam, sofrem influências umas das outras e morrem. Entretanto, para aceitar o argumento central da tese do choque de civilizações, nada disso pode ser levado em consideração: mais ainda, se assumirmos a influência recíproca e a permeabilidade ou mudança das culturas – e civilizações – temos que rejeitar a hipótese do choque. Acreditamos, assim, que a despeito dessa argumentação, a tese de Huntington apenas se sustenta se partir de uma visão engessada das chamadas civilizações.

14 Dentro das “civilizações” há clivagens e mesmo a existência do que se poderia chamar de “contracultura”. Tomar as chamadas civilizações como blocos monolíticos, além de faltar à realidade, serve de munição aos grupos fundamentalistas com pretensões hegemônicas dentro de cada uma delas.

15 E a religião a mais importante: “de todos os elementos objetivos que definem as civilizações, o mais importante geralmente é a religião, como enfatizaram os atenienses” (1997: 46-47).

Além do mais, dá-se um ar de neutralidade à classificação. Friso: a única a pretender neutralidade.

Ora, assumir a civilização Ocidental com essa carga de neutralidade e homogeneidade é fundamental para arguir a necessidade de se defendê-la dos “outros” que não se pautam pelos valores da racionalidade, da democracia e da laicidade. Diferentemente dessa parte do mundo, as outras ainda estão envolvidas por demasia em questões de caráter étnico ou religioso. E é daí que vem o maior perigo: desses outros que repartem o mundo com o “nós” ocidental. Não atentar para esse perigo e não trabalhar para proteger o Ocidente é no que reside o erro dos estrategistas internacionais pautados por outros paradigmas, como por exemplo, pelo “fim da História”¹⁶.

Supor a homogeneidade do Ocidente é necessário para a consolidação desse paradigma. Supor a homogeneidade dos vários “outros” também. Após o 11 de setembro, a tese do “choque de civilizações” ganhou o mundo, principalmente as páginas da imprensa ocidental e o *status* de diretriz para a política internacional norte-americana (e que também ecoa na parceria britânica). Como afirmou Said, em artigo publicado pouco tempo após os atentados, e ainda em meio ao clima de comoção mundial, “o paradigma básico do Ocidente *versus* o resto (a oposição da Guerra Fria reformulada) permaneceu intocado, e isso é o que persistiu, muitas vezes insidiosa e implicitamente, em discussão, desde os terríveis eventos de 11 de setembro” (2003b: 43).

A contraposição básica estabelecida após o 11 de setembro foi com o Islã. Este passou a ser visto como uma entidade homogênea e pautada pelo fundamentalismo. Mas ocorre uma resposta simétrica do “outro lado”. Também no mundo islâmico ganham vozes mais fortes aqueles que defendem a singularidade da civilização islâmica pautada no fundamentalismo e na contraposição a um Ocidente nefasto e maligno. Em relação especificamente aos Estados Unidos, “a região escorregou para um antiamericanismo fácil que mostra pouco entendimento do que os Estados Unidos efetivamente são como sociedade” (Said, 2007: 24). As demonizações de um e de outro lado tornam-se frequentes e ajudam a criar a profecia que se cumpre – de civilizações em choque que não encontram pontos de contato e se negam mutuamente.

Ora, a tomada do Islã como um bloco monolítico por parte dessa teoria é uma simplificação que faz parte do modelo. Segundo Geeta Chowdhry (2007), a leitura de Edward Said ilumina esse e outros aspectos da argumentação de Huntington

16 Especialmente após o 11 de setembro, o paradigma popularizado por Fukuyama passou a ser considerado ingênuo e em parte responsável pelo não preparo dos Estados Unidos aos ataques do “Islã”.

(e de Bernard Lewis) acerca do choque: tentando ouvir as outras vozes e tensões, pontos de contato e a própria história desses grupos e do ocidente, enfim, buscando a construção de uma análise contrapontual¹⁷. No caso do Islã, vários são os mundos que se colocam sob essa denominação. Mais ainda, não é possível entender nem o Islã, nem o Ocidente, se não numa perspectiva relacional. No caso, como seria possível entender esses dois mundos, sem o imperialismo, a leitura do imperialismo e as práticas do imperialismo? Nos dizeres da autora,

Para Edward Said, a conjuntura imperialista foi determinante na formação do mundo moderno, já que seu alcance foi enorme; o contexto da política imperial desempenhou um papel central na produção e na circulação das identidades coloniais e suas representações. Em *Orientalism*, *Covering Islam* e em *Culture and Imperialism*, Said chama a atenção para as complexas relações entre cultura e empreendimento imperial, a cumplicidade entre a produção europeia de conhecimento e o projeto imperial, o eurocentrismo das humanidades e a construção de identidades coloniais e pós-coloniais. Portanto, reflexões sobre cultura e identidade no mundo moderno precisam interrogar os nexos do poder intelectual estabelecido e o papel do eurocentrismo na construção do conhecimento acerca dos sujeitos e identidades coloniais e pós-coloniais (Chowdhry, 2007: 110)¹⁸.

Mas não é só o “outro” que pode ser problematizado, ou melhor, não só o outro distante. Uma questão que se coloca quando falamos em homogeneização da civilização ocidental diz respeito aos próprios Estados Unidos, definidos por Said como “um enorme palimpsesto de diferentes raças e culturas que partilham uma história problemática de conquistas, extermínios e, certamente, grandes realizações culturais e políticas” (2007: 460). O caráter multicultural

17 Segundo Chowdhry (2007), a análise contrapontual de Said está amparada na música clássica, assim como a *fuga*. De maneira breve, a análise contrapontual levaria à audição de inúmeras vozes, mas que são hierarquicamente dispostas e relacionadas entre si. A autora acredita que a análise contrapontual seria bem-vinda nos estudos de relações internacionais, justamente porque traria o foco para as relações, questionando as análises que focam os Estados como unidades privilegiadas de análise, levando a tratá-los como blocos que contêm os grupos (étnicos, religiosos) monolíticos.

18 No original, “For Edward Said, the imperialist juncture was foundational to the formation of the modern world as its global reach was enormous; the imperial political context played a central role in the cultural production and circulation of colonial and colonized identities and representations. In *Orientalism*, *Covering Islam*, and *Culture and Imperialism*, Said brings to our attention the complex relationship between culture and the imperial enterprise, the complicity of European production of knowledge with the imperial project, the Eurocentrism of the humanities, and the construction of colonial and postcolonial identities. Thus, reflections on culture and identity in the modern world need to interrogate the knowledge-power nexus and the role of Eurocentrism in the construction of knowledge about postcolonial and colonial subjects and identities.” (Tradução minha).

da sociedade norte-americana é exemplar e reflete o problema de se encarar a chamada “civilização ocidental” como um todo homogêneo e sem fraturas¹⁹.

Alguns parágrafos acima chamei a atenção para a classificação da civilização ocidental não em termos raciais, étnicos ou culturais e mostrei que, a despeito do não aparecimento dessas categorias no nome, elas existem e são conhecidas. O Ocidente é predominantemente branco e anglo-saxão, mas como também já afirmei, os latinos europeus são “acolhidos” na civilização ocidental. A questão é que não o são os latino-americanos. Na classificação de Huntington, a América Latina aparece como uma dentre as civilizações que se chocam com a ocidental. Assim, segundo o intelectual e estrategista norte-americano, fomos expulsos do Ocidente, a despeito de nossa “herança ocidental”.

As preocupações específicas com a América Latina vêm, fundamentalmente, da corrente migratória, especialmente mexicana, para os Estados Unidos. Nesse caso, mais ainda que no caso do Islã, o choque civilizacional se dá dentro do coração da civilização ocidental. Os latino-americanos e seus padrões linguísticos, raciais (somos todos mexicanos ameríndios) e culturais penetram o país e o transformam. Em *Who are we?* (2004c), Huntington desenvolve a tese da necessidade de proteção dos padrões civilizacionais ocidentais dentro dos EUA, assolados pelos “outros” que ameaçam a criação de um padrão duplo civilizacional dentro do território. No artigo *The Hispanic Challenge* (2004b), Huntington insiste no caráter diferenciado dos padrões mexicanos e norte-americanos, vistos como inconciliáveis. Ainda segundo Chowdhry, “em *The Hispanic Challenge*, Huntington mantém uma fé intelectual na sua visão acerca da inevitabilidade dos conflitos civilizacionais, na pureza da cultura e na identidade nacional expressas em *The Clash of Civilizations*” (2007: 112)²⁰. Agora não é o Islã, mas o outro que está bem mais próximo que se torna o alvo do raciocínio excludente de Huntington. Os *chicanos* (que são todos, mexicanos, porto-riquenhos, salvadorenhos e os demais imigrantes oriundos da América Latina), diferentes e

19 A eleição de Barack Obama trouxe, ao menos no início, novos ventos e um questionamento mais forte acerca do caráter monolítico da civilização ocidental em geral e dos Estados Unidos em particular. O discurso acerca da questão racial proferido pelo então candidato pode ser lido como um marco e, talvez, um ponto de inflexão no debate acerca do caráter multicultural da sociedade norte-americana (*Folha de São Paulo*, 10/03/2008). A segunda metade do seu governo, entretanto, começou com a reiteração de práticas do governo anterior (Bush), ao menos na política internacional. Ironicamente, ao revelar seu lado “falcão”, Obama viu sua popularidade – que despencava, depois de forte oposição interna, crise e reformas não completamente realizadas – crescer.

20 No original, “in *The Hispanic Challenge*, Huntington keeps intellectual faith with his views on the inevitability of civilizational conflicts, the purity of culture, and national identity expressed in the *Clash of Civilizations*.” (minha tradução).

avessos aos valores norte-americanos, são uma ameaça à cultura WASP, única digna de ser chamada de norte-americana²¹.

A defesa do caráter monolítico da cultura norte-americana por parte de Huntington levou a uma série de questionamentos. Ao se defender de críticas recebidas em artigo de Alan Wolfe no *Foreign Affairs*²², Huntington justifica suas posições e nega o caráter “histórico e chauvinista” que lhe foi imputado, alegando que suas reflexões no livro são uma continuidade de suas obras anteriores e buscam restaurar o que ele chama de “unidade da cultura americana”²³. E essa unidade se daria fundamentalmente pela preservação e recuperação de características únicas:

Os elementos-chave dessa cultura anglo-protestante seminal são a língua inglesa; o cristianismo; o comprometimento religioso; os conceitos ingleses de regras e lei, a responsabilidade dos que fazem as regras, e o direito dos indivíduos; e os distintivos valores protestantes do individualismo, da ética do trabalho e da crença de que os homens tem a capacidade e o dever de tentar criar o paraíso na Terra, uma ‘cidade na colina’. Essa cultura evoluiu e tem sido enriquecida pelas contribuições subseqüentes de imigrantes e de novas gerações, mas o essencial permanece (Huntington: 2004a)²⁴.

Alan Wolfe acusa Huntington de abandonar a lucidez e o rigor de seus trabalhos anteriores – como as que aparecem em *O choque de civilizações*. No entanto, penso que Wolfe não tem razão. A despeito de não ser focada na questão da imigração e dos latino-americanos, a construção da tese do choque leva às implicações futuras que se desdobram nos argumentos de *Who are we?* e nas políticas de imigração – e de como lidar com o contingente de imigrantes – dos Estados Unidos. Não é à toa que o livro de 1996 apresenta, em suas páginas

21 A “invasão mexicana”, que tanto incomoda, foi retratada às avessas em interessante cena do filme *The day after tomorrow* em que, diante do desastre climático global, milhares de norte-americanos rumam ao sul e são barrados na fronteira do México.

22 Revista norte-americana dedicada à política externa. Fundada em 1921, apresenta artigos curtos, geralmente refletindo o ponto de vista do *mainstream*. A despeito do viés editorial, debates interessantes foram realizados, como os citados aqui.

23 Os artigos de Alan Wolfe e Samuel Huntington foram publicados, respectivamente, nas edições de maio/junho de 2004 e de nov/dez de 2004.

24 No original, “The key elements of this Anglo-Protestant founding culture are the English language; Christianity; religious commitment; English concepts of the rule of law, the responsibility of rulers, and the rights of individuals; and dissenting Protestant values of individualism, the work ethic, and the belief that humans have the ability and the duty to try to create a heaven on earth, a ‘city on a hill.’ That culture has evolved and been amended by the contributions of subsequent immigrants and generations, but its essentials remain.” (minha tradução).

iniciais, a justificativa do recrudescimento das leis contra imigração na Califórnia²⁵. A questão central, que perpassa as duas análises, é o pressuposto da unicidade cultural e uma essencialização das categorias trabalhadas. Isso não muda, quer Huntington esteja falando do Islã, quer esteja falado da América Latina e dos mexicanos. A essencialização, aliás, é a questão-chave para se entender as análises que Said faz dos orientalistas, bem como dos analistas desde antes do imperialismo do século XIX. Em termos substanciais, pouca coisa mudou. Paisagens e povos podem ser outros, argumentos são construídos de acordo com as questões da época, mas a essencialização continua sendo a tônica.

Considerações finais

Islã ou América-Latina, os “outros” são muitos e se contrapõe a um “nós” único. Mas cada “outro” também é único e homogêneo, o que determina um caráter de impermeabilidade entre todos. Viveríamos num mundo partido, com pontes que são construídas de maneira efêmera e que viveria em constante choque intercivilizacional. Este é, resumidamente, o novo paradigma proposto por Huntington.

As perspectivas teóricas, os paradigmas, não podem ser vistos como construções neutras ou ingênuas. Eles implicam em opções políticas que se traduzem em políticas de Estado. No caso do paradigma do choque de civilizações, as implicações políticas foram claras políticas avessas aos imigrantes – em termos internos – e guerras externas contra vários “outros”, o que, por sua vez, reforça esse mesmo caráter exclusivista dentro desses “outros”.

O paradigma do choque de civilizações, longe de ser uma “novidade” no cenário das relações internacionais, encontra uma longa tradição baseada na contraposição cultural. Ao deslocar a ideologia – e anunciar seu sepultamento no pós-Guerra Fria – Huntington opera uma “volta” aos argumentos imperialistas e coloniais do século XIX sob nova roupagem. É nesse sentido que procuro me apoiar nas críticas de Said, presentes em vários textos, mas principalmente em *Orientalismo* e *Cultura e imperialismo*. Como bem mostra o autor em questão, em Huntington, assim como nos escritos “imperialistas”, o que se tem é a colocação do Ocidente como o lugar superior de onde se olha e julga o mundo. E é

25 Huntington narra o protesto da comunidade latino-americana (em especial mexicana) ocorrido em Los Angeles em outubro de 1994 contra a Proposta 187, que reduziria benefícios estaduais aos imigrantes ilegais e a seus filhos. O protesto, ocorrido primeiro com bandeiras mexicanas, e depois com bandeiras norte-americanas invertidas, contribuiu, segundo ele, para a aprovação das restrições aos ilegais por 59% do eleitorado californiano (1997: 18).

também por isso que gostaríamos de mais uma vez lembrar Edward Said, na sua luta contra as posturas reducionistas:

os terríveis conflitos reducionistas que agrupam as pessoas sob rubricas falsamente unificadoras como ‘América’, ‘Ocidente’ ou ‘Islã’, inventando identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade são muito diferentes uns dos outros, não podem continuar tendo a força que tem e devem ser combatidos; sua eficácia assassina precisa ser radicalmente reduzida tanto em eficácia quanto em poder mobilizador.(...) Mais do que no choque manufaturado de civilizações, precisamos concentrar-nos no lento trabalho conjunto de culturas que se sobrepõem, tomam isto ou aquilo emprestado uma à outra e vivem juntas de maneiras muito mais interessantes do que qualquer modo abreviado ou inautêntico de compreensão poderia supor (Said, 2007: 25-26).

A ideia de culturas estanques, que não se comunicam, ou melhor, que se comunicam sempre a partir de uma perspectiva da negação e do conflito, além de não levar em conta os séculos de história mundial, essencializam a cultura e as chamadas civilizações, tratando-as como unidades monolíticas e pouco permeáveis. A ideia do choque de civilizações parte do pressuposto que as nações são caracterizadas fundamentalmente pela sua carga étnica ou religiosa (esta determinante no caso do Islã). O núcleo das civilizações seria, portanto, representado justamente pelos seus fundamentalistas – só eles dariam conta de toda essa “pureza” e especificidade.

Gildo Marçal Brandão, ao rebater o paradigma do choque, afirma que “não há dúvida, Samuel P. Huntington é o profeta dos novos tempos e Osama Bin Laden é o seu mais fiel discípulo” (Brandão, 2010: 237). A constatação, feita pouco após o 11 de setembro, atentava para o caráter de profecia autorrealizável que o paradigma adquiria com os ataques da *Al Qaeda*. Os fundamentalistas, de um lado e de outro, reforçam a leitura de culturas e civilizações não passíveis de troca ou comunicação. Gildo Brandão chamava atenção para o recrudescimento dessa perspectiva a partir de 2001.

Os dez anos passados trouxeram abalos ao paradigma de Huntington. A “primavera árabe” levou (e leva) ao questionamento das fronteiras rígidas entre as civilizações: como muitos disseram, os árabes, como os ocidentais, usam o *twitter* e as redes sociais para convocar suas manifestações contrárias a regimes que se mantém há décadas – muitos deles com apoio explícito das democracias ocidentais. Mais ainda, grupos como a *Al Qaeda* viram seu poder diminuir e não se vê sua presença nos movimentos insurgentes. A morte de Osama Bin

Laden – o “discípulo de Huntington” – , entretanto, poderá contribuir para o recrudescimento do fundamentalismo, mas não parece haver respaldo, “do lado de lá” às ações extremistas – até porque muitas delas foram dirigidas à própria população civil dos países da região.

Segundo Giles Kepel (2011), se em 2001 aparentemente Huntington havia vencido, se tornando a grande referência, os acontecimentos de 2011 trouxeram uma nova visão, mostrando justamente as diferenças internas de pretensas civilizações monolíticas. No caso em questão, o erro grosseiro é supor a existência de um só Islã, repetindo o modelo tão criticado por Said em *Orientalismo*. Bibliografia de Huntington na construção do modelo do *choque*, Kepel mostra que o autor norte-americano, ao apropriar-se da análise dos movimentos de caráter religioso-político que emergiam ao longo dos anos 70 do século passado, concentrara-se somente no Islã, ao passo que o autor de *La revanche de Dieu* argumentava que aquela emergência “tinha raízes no Islã, no judaísmo e na cristandade: todos nasceram como reação ao fim da era industrial e estavam ligados a uma revisão das identidades políticas que trocou o discurso social pelo religioso” (Kepel, 2011: A16). Assim, Huntington, ao se concentrar no Islã, reforçava o caráter único e monolítico dessa “civilização”, sem atentar para fraturas internas do próprio islamismo, fraturas essas que, segundo Kepel, parecem estar apontando para a derrota dos fundamentalistas.

O paradigma de Huntington visava substituir, como ele mesmo afirmava, o paradigma anterior, vigente ao longo da Guerra Fria, de um mundo dividido por meio de clivagem ideológica/econômica. Neste mundo “antigo” os Estados eram atores centrais²⁶. No meio conservador, a tese do fim da história, propagada por Francis Fukuyama²⁷, também era alvo do novo modelo do *choque*. No entanto, como bem apontam Russett, Oneal e Cox (2000), Huntington traz pouca novidade à abordagem realista das relações internacionais, basicamente apenas deslocando a religião (e a cultura) para o centro da raiz do conflito, no lugar da política, economia ou ideologia. Nessa transposição, superestima o caráter de “cola” que a cultura possa ter entre os países de mesma *civilização*, para tanto os autores apoiam-se em pesquisas que mostram que o fator primordial para a manutenção da paz – e portanto, para a contenção dos conflitos – é a adesão à democracia. Mais ainda, similaridades e proximidades étnicas e linguísticas não são garantias de paz, pelo contrário. A religião, essa sim parece contribuir para

26 Não que no modelo de Huntington não sejam, mas a determinação cultural é que se impõe às nações.

27 Tese que Fukuyama “tinha pirateado (e deformado) de Hegel para comemorar a vitória capitalista e liberal sobre o socialismo existente” (Brandão, 2010: 233).

minorar os conflitos entre países, mas, segundo os autores, “os efeitos promotores da paz oriundos de uma religião comum contrabalançam, grosso modo, os efeitos nocivos da similaridade étnica e linguística. Porém, mesmo o benefício da pacificação que uma religião comum possa ter é menor ainda do que o efeito positivo que se produz quando dois países compartilham a forma democrática de governo” (Russett, Oneal e Cox, 2000: 588)²⁸.

Ao fim e ao cabo, o paradigma do *choque* parece repor a lógica da Guerra Fria, a lógica das oposições irreduzíveis, deixando de lado toda a história de interdependência entre os vários agrupamentos humanos. Mais valeria, como aconselhava Edward Said, em outro texto escrito pouco tempo após o trágico 11 de setembro, “recuar das fronteiras imaginárias que separam as pessoas umas das outras e reexaminar as etiquetas, reconsiderar os limitados recursos disponíveis, resolver dividir nossos destinos como as culturas têm em geral feito, apesar dos credos e gritos belicosos” (Said, 2003a: 138).

Aparentemente, a tese do *choque* sobrevive em círculos mais conservadores como política a ser defendida. No caso dos Estados Unidos, várias leis elaboradas no pós 11 de setembro corroboram essa tese (limitação da liberdade individual, legislação especial em relação à “ameaça de terrorismo”, recusa do governo norte-americano em assinar tratados internacionais, entre outros exemplos). Ao mesmo tempo, os sinais que vêm do mundo árabe-islâmico são contraditórios. Se, por um lado, pode-se ler nos últimos episódios políticos um enfraquecimento do fundamentalismo, também pode-se apontar o recrudescimento do mesmo, se formos observar, por exemplo, o caso das eleições egípcias, ainda não definidas quando termino este texto. Uma possível “islamização” do Egito, nesse contexto, pode aparecer aos olhos de uma parcela dos analistas como uma comprovação da tese do *choque*, contra todas as evidências de um mundo que não é monolítico e partido, mas misturado e plural. Seria, assim, o cumprimento de uma “profecia autorrealizável”.

Seja no meio acadêmico, seja na política internacional ou mesmo no “senso comum, a polêmica em torno do paradigma de Huntington e Lewis, longe de terminada, parece sobreviver e ganhar novos contornos no século XXI, reforçando a necessidade de uma agenda de pesquisa, bem como de uma agenda política internacional.

28 No original, “the harmful effects of ethnic and linguistic similarity roughly counterbalance the peace-promoting effects of a common religion. Even the pacific benefit of a common religion is far less powerful than the effect derived from both countries sharing a democratic form of government” (minha tradução).

Referências

- BRANDÃO, Gildo M. “Desconstruindo Huntington” in: COELHO, Simone de C.T. (org). *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2010. (texto originalmente publicado em 2001).
- CHOWDHRY, Geeta. “Edward Said and Contrapuntal Reading: Implications for Critical Interventions in International Relations” in: *Millennium – Journal of International Studies* 36, 101. <http://mil.sagepub.com/cgi/content/abstract/36/1/101>, 2007. (acesso em 05/01/2011)
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações*. São Paulo: Ed. Objetiva, 1997.
- HUNTINGTON, Samuel P. “Getting me wrong” in: *Foreign Affairs*, nov/dez. <http://www.foreignaffairs.com/articles/60105/samuel-p-huntington-and-alan-wolfe/creedal-passions>, 2004a. (acesso em 16/08/2010)
- HUNTINGTON, Samuel P. “The Clash of Civilizations?” in: *Foreign Affairs*. <http://www.thenation.com/article/clash-ignorance>, 1993. (acesso em 05/11/2010)
- HUNTINGTON, Samuel P. “The Hispanic Challenge” in: *Foreign Policy*, mar/apr. http://www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story_id=2495, 2004b. (acesso em 11/08/2010)
- HUNTINGTON, Samuel P. “The West Unique, Not Universal” in: *Foreign Affairs*. <http://www.foreignaffairs.com/articles/52621/samuel-p-huntington/the-west-unique-not-universal>, 1996. (acesso em 12/09/2010)
- HUNTINGTON, Samuel P. *Who are we?* New York, Simon and Schuster, 2004c.
- KEPEL, Gilles. “Além do choque de civilizações.” Artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. 25/03/2011, p. A16., 2011.
- LEWIS, Bernard. “The roots of muslim rage” in: *The Atlantic Magazine*. <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1990/09/the-roots-of-muslim-rage/4643/>, 1990. (acesso em 02/04/2012)
- OBAMA, Barack. Discurso proferido em março do mesmo ano in: *Folha de São Paulo*, 10/03/2008, 2008.
- RUSSETT, Bruce; ONEAL, John R. e COX, Michaelene. “Clash of Civilizations, or Realism and Liberalism *Déjà Vu?* Some Evidence” in: *Journal of Peace Research*, v. 37, n. 5, pp. 583–608 Sage Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), 2000.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 2011.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Cia das Letras, 2007.

- SAID, Edward. “Islã e Ocidente são bandeiras inadequadas” in: SAID, Edward. *Cultura e política*. São Paulo, Boitempo Editorial, pp. 136-139, 2003a. (originalmente publicado em *The Guardian*, em 16/09/2001).
- SAID, Edward. “O choque da ignorância” in: SAID, Edward. *Cultura e política*. São Paulo, Boitempo Editorial, pp. 42-47, 2003b. (originalmente publicado em *The Nation (NY)*, em 04/10/2001).
- SAID, Edward. “The clash of definitions” in: ALCOFF, L. e MANDIETA, E. *Identities: race, class, gender and nationality*. Malden, Blackwell Publishing, 2003c.
- WOLFE, A. “Native Son: Samuel Huntington defends the homeland”, *Foreign Affairs*, mai/jun 2004. <http://www.foreignaffairs.com/articles/59908/alan-wolfe/native-son-samuel-huntington-defends-the-homeland> , 2004. (acesso em 23/10/2010)

Recebido em: 16/01/2012

Aceito em: 19/03/2012

Como citar este artigo:

- FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. Cultura, Civilização e Conflito. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v.2 n.2, jul-dez 2012, pp. 421-438.